

Religião e homossexualidade

LUÍS FELIPE RIOS E VAGNER DE ALMEIDA

COORDENADORES DO PROJETO JUVENTUDE E DIVERSIDADE SEXUAL

O debate sobre as homossexualidades está na ordem do dia. Os grupos gays e lésbicos estão cada vez mais fortes, reivindicativos e visíveis. Em todos os campos da vida pública, estão em vias de conquistar direitos que lhes garantam o status legítimo de cidadãos brasileiros com acesso a bens e serviços de qualidade, independentemente de orientação sexual.

Contudo, a conquista não se faz sem luta. Os conservadores, muitas vezes, em outros assuntos, dispersos e concorrentes por deter a verdade sobre o mundo, parecem se unir quando na pauta da agenda estão os direitos sexuais.

Os fundamentalistas religiosos são, neste campo de luta, os que mais oposição têm feito a consolidação das conquistas, rumo a uma sociedade que garanta a vida e a qualidade de vida de seus integrantes.

Neste número, o Extra G quer trazer elementos para incrementar a discussão. Afinal, se a religião, em muitos sentidos, tem servido para reproduzir valores estigmatizantes e discriminatórios, ela também pode ser caminho de libertação. Afinal, lembremos que a própria tradição Cristã se inicia com um clamor pela vida: vida para todos, independentemente dos mais diferentes posicionamentos pessoais.

Nesta linha, Luís Felipe Rios traz uma interessante discussão sobre religião e homossexualidade. Kleber Nascimento, na seção "Saiba mais", nos apresenta o Grupo de Consciência Cristã, que têm se oferecido como alternativa para gays, lésbicas e transgêneros estigmatizados e discriminados nas mais diferentes denominações religiosas cristãs.

Neste número também apresentamos um pouco da história de vida de Hanna Suzart, ativista transvesti que, hoje, está a frente de um importante projeto de inclusão social das transgêneros, levado adiante pela Secretaria de Desenvolvimento Social do Município do Rio de Janeiro.

Não deixe de conferir, na seção "Anota aí", o cronograma de gravação do novo documentário do Projeto Juventude e Diversidade Sexual: Borboletas da vida. Você também pode colaborar.

Esperamos que você tenha uma ótima leitura!

Hanna Suzart e o Projeto Damas

Por Fábio de Sá e Josias Freitas



Infância de Juju Suzart foi bastante conturbada.

Criada por parentes, começou a trabalhar aos 14 anos. A moda, as relações públicas e os shows sempre lhe encantaram. Trabalhou como promotor e criou um grupo de dublagem para atuar nas festas de rua. Depois, como Jô Caldeiras, atuou travestida em festas de rua. Na 1140, participou de show de novos talentos. Formou-se em técnico em publicidade e atuou como professor no próprio colégio em que acabara de se formar.

Em 93 Suzart começou a frequentar a ABIA e o projeto HSH, onde, na oficina de teatro expressionista, conheceu Wagner de Almeida que, conforme conta, revolucionou sua vida. Começou a perder preconceitos contra profissionais do sexo e outros. Nesta época, e juntamente com um amigo, montou uma grande festa beneficente para o grupo PELA VIDDA-RJ, foi o STATUS 93.

Queria ser apresentadora de boate e percebeu que poderia utilizar seu talento de apresentadora em favor do trabalho social contra a AIDS. Procurou a Turma OK, e obteve espaço, atuando como diretora artística. Passou a ser multiplicadora e começou a tomar gosto pela militância. Começou a visitar os grupos

para falar sobre a Turma OK e passou a falar sobre os grupos que conhecia dentro da Turma. Queria cumprir seu papel de cidadã. Nesta época já era conhecida como Hanna Suzart.

Quando foi implementado o DDH – Disque Defesa Homossexual – aceitou o convite da Dra. Sílvia Ramos para divulgá-lo nas boates, inicialmente como voluntário. O DDH é um serviço do CERCONVIDH, o Centro de Referência Contra a Violência e Discriminação Homossexual. Além do serviço de tele-atendimento, há serviços de atendimento personalizado à lésbica, um outro núcleo trabalhando com o cidadão transgênero etc.

Atualmente ela continua trabalhando junto ao DDH. Comenta que o serviço tem se tornado cada vez mais atuante, ainda que falte um maior apoio do governo; e que este divulgue as conquistas do DDH como se fossem governamentais, sem dar o devido suporte. Por exemplo, o material de divulgação é financiado pelos participantes do CERCONVIDH. Apesar da falta de apoio governamental, Hanna reconhece a necessidade do Movimento Social continuar encampando este trabalho, afirma ela:

– "Acho que de dentro, poderemos denunciar".

Foto Wagner de Almeida



Marcha do Orgulho Gay Madureira - 2001

Foto Juan Carlos Raxarch



Durante este percurso como ativista, Hanna assumiu seu lado travesti.

– **"De caricata me transformei em miss. Mas quando eu resolvi assumir meu lado travesti, meu lado profissional foi todo cortado. Eu não podia mais ser promotor, não podia mais ser publicitário, eu não podia mais dar aula, eu não podia mais dar aula de moda. Eu fui banida. Me tornei profissional do sexo".**

Atualmente, foi chamada para implementar um projeto desenvolvido pela prefeitura, através da secretaria de desenvolvimento social, de sociabilização e inserção das travestis no mercado formal de trabalho.

"O gay pode se esconder atrás de um paletó, a lésbica atrás de um *tailleur* mas o travesti não tem como se esconder. Ele tem mais visibilidade. O trabalho que faço está mais direcionado a travesti por esta razão".

A Dra. Kátia Naum, da secretaria municipal de desenvolvimento social, pediu-lhe sugestões sobre o trabalho que poderia ser feito a favor dos travestis. Achando que a baixa auto-estima é a célula mãe do problema e acreditando que os travestis não queriam ser profissionais do sexo, sugeriu à prefeitura um

projeto que trabalhasse justamente a partir deste ponto.

"Abri mão de programa. Baixei meu padrão de vida, não janto mais todos os dias em restaurantes caríssimos; não compro mais Jean Paul Gautier e Versolato todo mês. Creio na necessidade de desenvolver este trabalho. Acredito que este trabalho é mais importante que o meu prazer. Ideologia, eu quero uma pra viver... e é o que eu faço hoje".

Daí surgiu o projeto DAMAS – projeto de sociabilização e inserção dos travestis no mercado de trabalho. O objetivo deste trabalho é fomentar a cidadania aos participantes. O projeto terá a participação de 60 travestis que serão divididos em três turmas. Cada turma terá capacitação durante três meses. Durante o primeiro mês, o objetivo é ensinar direitos civis, leis, etiqueta, moda e postura. Nos segundo e terceiro meses, farão estágios em empresas ligadas diretamente à prefeitura. Paralelamente, estarão sendo enviadas a cursos e a escolas, através do CAT, de cooperativas, de projetos da prefeitura, como o projeto carioca.

– **"A procura tem sido ótima", relata Hanna.**

O projeto será iniciado em 10 de maio de 2004. Para mais informações, contactar Hanna Suzart pelo tel: 21 2503-2398.

"O gay pode se esconder atrás de um paletó, a lésbica atrás de um *tailleur*, mas um travesti não tem como se esconder."

Foto Juan Carlos Raxarch



Suzart - Passeata do Dia Internacional da Luta Contra a AIDS

Na contramão cultural da homofobia familiar

ADAPTAÇÃO DE VAGNER DE ALMEIDA.

CONFIRA NO LIVRO RITOS E DITOS DE JOVENS GAYS. ABIA, 2004.

Reprodução de cartaz ABIA - campanha
Direitos Sexuais são Direitos Humanos

"OS HOMENS FLORES DE BORA BORA, POLINÉSIA"

(Revista Marie Claire, por Geraldine Levasseur, tradução Luiz R.M. Gonçalves)

"Nas ilhas da Polinésia, os rapazes que querem ser mulheres são amparados pela tradição e têm lugar definido na sociedade. Eles vão ser Mahus, homens que vivem como mulheres, têm marido, cuidam da casa e criam seus filhos como mães dedicadas.

Mahus significa homens que tradicionalmente vivem como mulheres, exercendo suas ocupações. Os Mahus nada têm a ver com os travestis do ocidente. Eles se definem como semi-femininos, se identificam usando uma flor na orelha direita e vivem em relativa indiferença de seus vizinhos, pois fazem parte do cenário há séculos. Eles sempre existiram nas famílias para cuidarem da casa e das crianças.

Os Mahus não são uma raridade em Bora Bora, pois faxineiros nos bancos, regentes dos corais nas paróquias, secretários da prefeitura, assessores de diretoria de hotéis de luxo, chefes de escalas em aeroportos e até secretários de gabinetes da presidência são Mahus. Os Mahus estão em toda parte da sociedade das ilhas da Polinésia, embora não exista números sobre eles. Dizem que há pelo menos um Mahu em cada família que vivem pacificamente com a diversidade sexual do filho, do amigo, do vizinho, do estudante na escola ou na igreja."



Direitos sexuais são direitos humanos: a campanha continua

Em outubro de 2003, a ABIA lançou uma nova leva de materiais voltados à promoção dos direitos sexuais na sociedade brasileira.

Dessa vez, a tematização diz respeito à séria questão da violência contra crianças e jovens por apresentarem desejos e práticas que são remetidas ao âmbito das homossexualidades, pela "homofobia preventiva" hegemônica.

São cinco materiais: um pôster e um marcador de livros, que buscam informar crianças e jovens sobre as instâncias disponíveis para barrar este tipo de violência e dar apoio às vítimas. Esses dois materiais são para

distribuição em escolas e outros estabelecimentos de frequência de crianças e adolescentes. Há também três modelos diferentes de postais, distribuídos em espaços não gays/lésbicos, com o objetivo de conscientizar a população em relação ao problema e chamá-la para por fim a esta forma de abuso, que compromete o desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes.

Se você quer participar da campanha, distribuindo os materiais, entre em contato com a equipe do projeto Juventude e Diversidade Sexual no telefone (21) 2223 10 40.

Anota aí: Borboletas da Vida

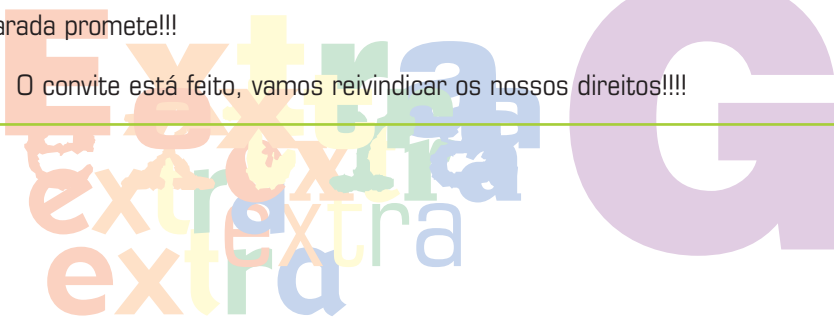
Em junho, a equipe e os participantes do projeto Juventude e Diversidade Sexual estarão mobilizados para a gravação do vídeo-documentário Borboletas da Vida, que será dirigido por Vagner de Almeida. O documentário buscará trabalhar as questões de gênero (masculinidade e feminilidade) que marcam as vivências homossexuais dos homens jovens.

Se você quiser colaborar com a gente em mais essa empreitada, entre em contato ou visite-nos!

Nossas oficinas, as quintas-transgressivas, continuam acontecendo toda quinta-feira, das 19:00 às 21:30.

Ah! Não esqueça que junho é o mês das paradas! Este ano, além da Marcha de Madureira (26 de junho) e da Parada de Copacabana (27 de junho), temos uma boa nova: haverá uma parada na Baixada, em Nova Iguaçu (19 de junho). Quem garante é Eugênio Ibiapino do Grupo Triângulo Rosa – informações no 21 91953476. Esta parada promete!!!

O convite está feito, vamos reivindicar os nossos direitos!!!!



Vale a pena ver de novo

POR FÁBIO DE SÁ

Fale com Ela pode ser considerado gay?

O filme conta a história do enfermeiro apaixonado que se faz passar por homossexual somente para estar 24 horas por dia com sua amada Alicia, bailarina jovem jogada numa vida vegetativa após um acidente de carro. Nele, o autor apresenta o ângulo desta visão e aborda os comportamentos reservados pela cultura para o que seria o masculino ou o feminino.

Um heterossexual sensível, uma vegetativa bailarina, uma mulher ferida por um touro quase tendo aí o seu fim, um enfer-

meiro efeminado apaixonado pela bailarina, são as estrelas deste melodrama que traz como pano de fundo "homens-heterossexuais" protagonizando histórias de drama familiar, amores impossíveis, morte e necrofilia, e, sub-repticiamente, o estupro, que mais uma vez, volta à baila, desta vez como uma ação que engendra outra vida.

"Hable con Ella", Espanha, 2002, 116 mins. Direção: Pedro Almodóvar. Com a participação de Javier Cámara, Darío Grandinetti, Rosário Flores, Leonor Watling, Geraldine Chaplin, Mariola Fuentes.



Reprodução de postais ABIA - campanha **Direitos Sexuais são Direitos Humanos**

Religião e Homossexualidade

Por LUÍS FELIPE RIOS

(TEXTO INICIALMENTE PUBLICADO NO JORNAL O SEXO, 19, 2003)

Depois que a homossexualidade invadiu o mundo patriarcal brasileiro – e com tudo que isso possa implicar – parece ter chegado o momento da revanche. Diz o Jornal O Dia, em sua edição do dia 3/10/2003: "Heteros invadem a noite gay". Seria esse o sinal do (pós)final dos tempos?

Definitivamente, o mundo social brasileiro não é mais o mesmo! Vejam só: a "Cabeleira do Zezé" não é mais signo de "veadice", e a Globo parece ter deixado de assassinar o casal lésbico em horário nobre.

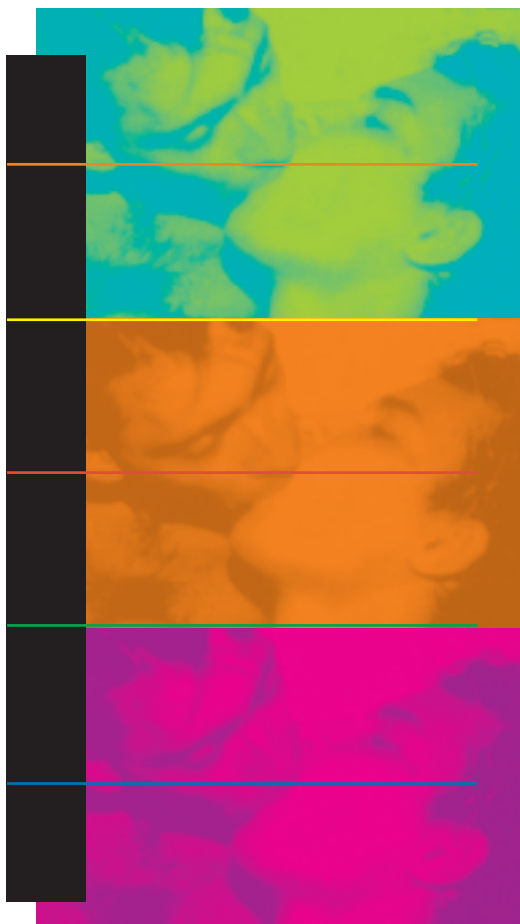
Uma sociedade unissex? Uma cultura **cross-gender**? Um "admirável mundo novo"? Quem sabe? Só Deus sabe (acho mesmo que nem ele sabe!)

O que se sabe, de fato, é que, não obstante todo o avanço, o campo sexual brasileiro (e global) ainda está minado e em disputa: o "sangue gay ainda é ruim"; as bichas continuam a morrer vítimas da homofobia; as "travas-mirins" continuam sendo ridicularizadas nas escolas do todo o Brasil; o homossexual ainda é concebido como "tendo o demônio no couro" – pelo menos é o que dizem os evangélicos caminhando na contramão da ciência, que não só tirou da ordem das patologias as formas alternativas de sexualidade, mas jogou da biologia para o campo dos Direitos Humanos, enquanto construções sociais, as problemáticas da homossexualidade: estigmatização e discriminação!



Passeata do Orgulho Gay
São Paulo - 2001

Foto Wagner de Almeida



crescentes de inclusão e nomeações dos sujeitos/atores dos Direitos Humanos, dos Direitos Sexuais.

Talvez um caminho promissor seja justamente o que muitas vezes é visto como contra-senso: reivindicar pertencimentos muitas vezes vistos como contraditórios. Por exemplo: ser "gay-evangélico"; ser "trava-protestante", "religiosos-bichas pelo direito de decidir!" E por que não?! Hibridizações, onde "identidades em oposição" aparecem no meio dos "estabelecidos", exigindo voz e vez – no caso o pleno direito aos bens sagrados, ao espiritual. E daí se "o casamento" entre coisas aparentemente díspares do ponto de vista das instituições – de lá (Igrejas) e de cá (o Movimento Gay) – pareça uma maluquice. Não seria este o verdadeiro caminho de se mudar as culturas institucionais de dentro?

Fatos que nos fazem (re)lembrar que os conservadores, irmanados a Papas, Bushs, MOSESs e CPPCs, devem estar se perguntando aonde é que nós, seres humanos, estamos chegando? Até onde se vai com tudo isso? E mais, demonstram que estes se articulam em mirabolantes e insanas respostas: mais homofobia dissimulada em discursos enganosos de salvação e de cura espiritual.

Os movimentos gay, lésbico e simpatizantes (Movimentos Feministas, de resposta à AIDS e pelos Direitos Humanos), parecem se fazer a mesma pergunta – ainda que o referente e a resposta esperada sejam outros: quando tudo isso (a violação dos direitos) vai acabar? Ao mesmo tempo, e em resposta, convidam a sociedade para possibilidades

Não foi por este mesmo caminho que nós conseguimos a legitimidade de nossos espaços, os espaços gays, a ponto dos heteros reivindicarem o direito a também transitar por eles?

Acho legítimo e importante que o mesmo ocorra por dentro das instituições que resistem aos avanços e cultuam a homofobia. No caminho paralelo, fazer lembrar às igrejas o que permanece no entre-dentes das "confissões" de seus atores "legítimos" – os caretas. Estes como outros tantos atores que compõem o universo sexual brasileiro – e para além das orientações sexuais e performances de masculinidade e feminilidade – querem todos – em matéria do sexual que vai além do papai-mamãe – o estatuto de exímios "entendidos".

Uma sociedade unissex?

Uma cultura cross-gender?

Um "admirável mundo novo"? Quem sabe?

Só Deus sabe. (acho mesmo que nem ele sabe!)

Saiba mais:

Grupo de Convivência Cristã

POR KLEBER NASCIMENTO
INTEGRANTE DO GCC

Histórico

O Grupo Convivência Cristã surgiu em 25 de Novembro de 2000.

Inicialmente um grupo informal de pessoas que, freqüentando igrejas e ONGs no Rio de Janeiro, procuravam em uma mentalidade pluralista, promover a convivência das pessoas sem qualquer tipo de discriminação, resgatar entre os excluídos das instituições religiosas e sociais, discriminados por causa de gênero ou orientação sexual, os valores espirituais, a auto-estima e a plena inserção social.

Nos primeiros anos de existência, consolidou sua parceria com a Igreja Presbiteriana Bethesda. Atualmente o grupo desenvolve o projeto de prevenção **"Pecado é não amar"**, como resposta às demandas originárias do ambiente cultural rígido das religiões tradicionais em relação à homossexualidade e ao uso de preservativos.

Desde a criação, as atividades são desenvolvidas organicamente em três campos de ação:

EVENTOS – Promovendo ações culturais, cívicas, desportivas, recreativas e devocionais (confessionais, ecumênicas e/ou inter-religiosas).

AÇÃO SOCIAL – Prestando assistência social, psicológica e jurídica, buscando a saúde individual e coletiva, especialmente a prevenção às DSTs.

ESTUDOS E CAPACITAÇÃO – Organiza informações e produz conhecimento através de cursos, capacitando os integrantes e voluntários como agentes ativos de transformação da natalidade.

Nos três primeiros anos, a organização esteve voltada prioritariamente na construção do seu "modus vivendus", voluntariado, administração participativa, liberdade de expressão e respeito mútuo.

Se você quer saber, ainda mais, visite o site: <http://www.gcc.org.br/>

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
Entidade de utilidade pública federal, estadual e municipal, de fins filantrópicos.

Diretoria
Diretor-presidente: Richard Parker
Diretora vice-presidente: Regina Maria Barbosa
Secretária-geral: Miriam Ventura
Tesoureiro: José Loureiro
Coordenação geral: Maria Cristina Pimenta e Veriano Terto Júnior

O Extra G é um veículo de informação do Projeto Juventude e Diversidade Sexual

Distribuição gratuita

Editores: Luís Felipe Rios, Vagner de Almeida e Josias Freitas
Programação visual e diagramação: A 4 Mãos Comunicação e Design
Revisão do texto: Cláudio Oliveira e Wilma Ferraz

Extra G • nº 6 • maio/junho de 2004
Impressão: Zit
Tiragem: 2.000 exemplares

Os textos assinados retratam a opinião de seus autores.

Apoio: